

RESENHA

LUANDA, LISBOA, PARAÍSO: O TEMPO E O ESPAÇO À DERIVA EM UM ROMANCE DE EXÍLIO

Daniel Batista Rocha¹²

Márcia Manir Miguel Feitosa¹³

Publicada em 2018, *Luanda, Lisboa, Paraíso* é apenas a segunda obra notória de Djaimilia Pereira de Almeida, autora luso-angolana que se revelou ao público no ano anterior com a publicação de *Esse Cabelo* (2017). Romancista em começo de carreira, a escritora construiu atrás de si uma longa trajetória acadêmica voltada à reflexão estética do texto, recebendo o Prêmio Primeiras Teses por Amadores (2006), sua dissertação de mestrado, e sendo, atualmente, doutora em teoria da literatura pela Universidade de Lisboa.

Isso não a impediu, porém, ao produzir sua primeira obra, de “deixar a literatura à porta”, como ela mesma afirma em entrevista. E continua: “[...] após uma década a estudar literatura academicamente, precisei suspender por algum tempo muito do que aprendi [...]” (ALMEIDA, 2016, s/p). Aqueles que se dedicam aos estudos de literatura certamente reconhecem a existência de um oceano que separa a produção acadêmica e o texto puramente literário, oceano esse que, como as marés do tempo e do espaço da memória, Djaimilia mostrou-se capaz de atravessar com desenvoltura.

O romance de 2018 narra a história de Cartola e seu filho Aquiles, que, por conta do calcanhar malformado, precisa empreender com o pai a viagem para Portugal em busca de uma cirurgia que corrija o seu membro defeituoso. Apesar de conseguirem chegar ao país almejado, a operação do rapaz não alcança o resultado que esperavam, e os dois passam a viver na cidade sob condições miseráveis, pouco a pouco reduzidos a subalternos da metrópole, sendo a indigência insignificante o único lugar oferecido aos angolanos pela capital.

¹² Graduando em Letras-Espanhol na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: <db.rocha@discente.ufma.br>.

¹³ Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente filiada à Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: <marcia.manir@ufma.br>.

Mais do que um romance sobre migração, o tema da obra é o que Alexis Nouss (2013) chamou de “exiliência”, a experiência própria aos indivíduos em situação de deslocamento (exílio). Por essa razão, a escolha dos recursos narrativos é feita de modo a representar alguns aspectos da vida em exílio.

O romance possui 59 capítulos e duas divisões – uma no meio do livro e outra no final –, assinaladas por folhas completamente negras. A autora utiliza a narração em terceira pessoa, o que possibilita um oportuno cruzamento de espaços: o narrador onisciente flutua de Portugal para Angola, para Glória, a mãe de Aquiles, e retorna para os imigrantes na metrópole. O texto é atravessado de um lado a outro por saltos espaciais que geram um efeito de *esvaziamento* dos lugares enquanto locais físicos, realçando o sentido metafórico e emocional que eles representam no exílio.

O narrador em terceira pessoa também permite que o texto coloque em perspectiva a vivência de cada personagem em relação à situação experienciada pelos outros, o que resulta em uma ótica que foge dos lugares comuns (onde o imigrante é visto, em geral, apenas como um desenraizado) e coloca em questão outras maneiras de viver e sentir o exílio. Cartola é um homem adulto ao viajar para Lisboa, ele é um filho do colonialismo português em seu ápice – na capital, nós o vemos “[...] humilhado de deslumbre, desdobrando-se em *dá-me licença* e à suas ordens, *sotôr* [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 37). Aquiles, ao contrário, nasceu pouco antes da independência e vê de outra forma o país que o pai só consegue enxergar através de uma membrana de idealismo. Dessa maneira, o que para um se apresenta como o trágico fim de um sonho e de uma identidade, para o outro aparece como uma concreta e – ainda que penosa – nova abertura para o mundo. O pai de Aquiles resume a situação dos dois na seguinte passagem: “Aqui nessa terra ninguém sabe quem és, por isso pode ser toda a gente. Eu nasci Cartola e vou morrer Cartola, mas tu não, meu filho, você não nasceu com chapéu”. (ALMEIDA, 2019, p. 62)

Além disso, a autora se poupa das longas descrições, traçando os ambientes à maneira de um pintor minimalista que se prende menos às formas do que às cores para exprimir a paisagem. Nesse quesito, os adjetivos predominam em lugar dos substantivos; à primeira vista, não é a arquitetura ou a urbanização de Lisboa o que lhes chama a atenção, mas o fato de a cidade parecer “[...] pequena e escura”. (ALMEIDA, 2019, p. 27). Isso contribui para a

impressão de que os lugares existem antes na percepção das personagens do que como espaços físicos independentes.

Ademais, ainda no que diz respeito ao espaço, a obra se aproveita de outros gêneros textuais para construir um cenário próprio ao exílio. Utilizando-se de transcrições de telefonemas, cartas e bilhetes, colocados no romance à maneira de documentos esquecidos (muitos deles escritos à mão pelos personagens), a narrativa, ao mesmo tempo em que distende o véu da ficção, trazendo-a a um palmo do rosto da realidade, também estabelece vínculos entre mundos que só existem nessa conjunção. Apesar de a família, tanto em Portugal quanto em Angola, se encontrar em situação desfavorável, o universo edificado na conexão de cartas e telefonemas guarda uma existência virtual onde as carências dão lugar a belas visões esperançosas do futuro e a lembranças de um passado que, mesmo perdido para sempre no tempo, ainda é possível ser imaginado como o horizonte à frente.

Cartola e Aquiles habitam, mais do que a Lisboa real, uma cidade interior, um emaranhado de marés que, abraçadas, giram umas sobre as outras. Nesse redemoinho, o tempo presente se entrelaça com a vida anterior, o passado na capital angolana é colocado no palco sob a mesma luz que ilumina Lisboa. Cartola rumina sua juventude, o amor primaveril com a esposa, a infância e crescimento do filho mais novo.

Os recuos no tempo perpassam especialmente os capítulos focados nesse personagem, que vê sua personalidade retesada entre esse antes que, amarrado aos seus pés, lhe trava os passos, e um agora com o qual não se sente plenamente conectado: “O pai de Aquiles queria vomitar Luanda, mas ainda não conseguia; queria livrar-se da primeira vida, mas ela fazia-lhe frente; passar à próxima etapa, mas era ainda o mesmo homem”. (ALMEIDA, 2019, p. 43).

O tempo em *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019) é outro aspecto narrativo utilizado no romance para criar um efeito de esvaziamento do território, no mesmo sentido que a palavra “esvaziamento” foi empregada anteriormente, pois, ao destituir a supremacia do tempo presente, valendo-se dos recuos temporais, os espaços vividos ganham mais ou menos relevo de acordo com a força com que existem na reminiscência das personagens.

Dada essa dimensão temporal do exílio manifesta no romance de Djaimilia, torna-se inevitável a alusão a Paul Ricoeur, que, em seu *Tempo e Narrativa* (2010), nos apresenta a

ideia de que é apenas por meio da narrativa que se torna possível humanizar o tempo. No que diz respeito à experiência exílica, a narrativa articulada sob as formas do romance ganha em intensidade pela natural aptidão do gênero em amarrar diversas células temporais de histórias distintas em núcleos coerentes.

Benedito Nunes (1995, p. 25) foi feliz ao colocar a questão da seguinte forma: “[...] o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa”. Essa passagem elucida a capacidade dos gêneros narrativos de ilustrar a convergência dos tempos no presente do indivíduo, a reminiscência em si mesma, o que é parte essencial da experiência humana e, em especial, da experiência exílica. Por isso, no romance de Djaimilia, a capital portuguesa, o presente das personagens, não se distingue com artifícios de “presentificação” (como o uso do presente indicativo ou dos advérbios de tempo como “agora”, “hoje” etc), mas, assim como as lembranças de Luanda, a vida anterior se apresenta sob as formas do tempo pretérito.

Portugal, apesar de cercá-los, não os acolhe, e, por esse motivo, é tão real (ou irreal) quanto a recordação de uma terra que já não se pode tocar. Cartola e Aquiles veem a cidade de Camões através de uma luneta, no convés de uma caravela perdida no oceano. Tão distantes da terra natal, mas igualmente longe do cais da metrópole lusitana, os angolanos se encontram em mar aberto, no meio do caminho entre Luanda, Lisboa e o Paraíso.

Djaimilia teve sucesso em elaborar sua narrativa ao redor do tema da imigração angolana em Portugal. Sua obra – como cabe ao bom texto literário – expande a relação da linguagem com o mundo material que nos cerca, possibilitando, assim, que novas maneiras de interpretação (e de expressão) do sujeito exilado venham à luz. Com o aumento, nos últimos anos, do número de pessoas em situação de migração, a análise do problema sob o viés da produção estética ganha nova importância, e o romance (como deixa evidente a leitura de *Luanda, Lisboa, Paraíso*) mostra outra vez a sua eficiência em explorar o véu da subjetividade que perpassa a realidade concreta.

Referências:

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *[Entrevista] Djaimilia Pereira de Almeida*. [Entrevista concedida a] Gianni Paula de Melo. 2016. Disponível em: <<https://suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1694-entrevista-djaimilia-pereira-de-almeida.html>> acesso em 20 jan. 2021.

NOUSS, Alexis. *Pensar o exílio e a migração hoje*. Trad. e nota de abertura de Ana Paula Coutinho. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Edições Afrontamento, 2013.

NUNES, Benedito. *O Tempo na Narrativa*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1995.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2010.